



25

de Abril



NAS CENTRAIS:

HOJE SEM 25 DE ABRIL

(um inquérito invertido)

NA CONTRACAPA:

ABRIL EM 3 EXPOSIÇÕES

(para ver, debater e obter)



1. ARQUIVO MÁRIO DIONÍSIO

Tem continuado o tratamento do arquivo. Catalogação e digitalização: de recortes de imprensa e originais de Mário Dionísio, de alguns livros de Mário Dionísio, sobretudo os esgotados, de documentos pedidos para trabalhos universitários ou outros e para sessões ou exposições na Casa da Achada; de dossiers e pastas do Arquivo Pessoal MD-ML (actividade pública — ensino secundário, ensino superior, cargos oficiais) e de dossiers temáticos. Têm feito estes trabalhos: Diana Dionísio, Lara Afonso, Cristina Almeida Ribeiro. Mas infelizmente o arquivo não tem sido muito utilizado, e a sessão sobre este Arquivo que se realizou durante o 4.º aniversário (ver ponto 7) interessou pouca gente — de dentro e de fora...

Isto sobretudo porque Mário Dionísio (e os assuntos com ele relacionados que são bastantes e variados) continua a não figurar nos programas universitários — nem de literatura, nem de artes plásticas, nem de pedagogia... Que fazer?



2. BIBLIOTECA MD-ML DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

Depois das tão badaladas obras de reabilitação da chamada «Mouraria», a Biblioteca de Mário Dionísio e de Maria Letícia (cuja catalogação está disponível na nossa página de Internet) ficou com uma grande poeira entranhada. Durante mais de um ano uma equipa de voluntários com saberes especiais (Filomena Marona Beja, Joaquim Beja e Rubina Oliveira) limpou aos sábados todos os livros, um a um, e Joaquim Beja tratou dos que estavam em pior estado de conservação. Duas voluntárias começaram o trabalho de indexação de livros de Mário Dionísio ou que o referem (Manuela Vasconcelos); de revistas de arte (Maria João Petrucci).

3. RESTAURO DE PINTURAS

Dada a falta de apoios para o restauro das obras de pintura de Mário Dionísio e de desenhos e pinturas de outros artistas que constam do seu espólio, só foi possível, com vista à exposição «Mário Dionísio — 50 anos de Pintura», engradar 6 obras dos anos 40 (por restaurar) e emoldurar 6. Uma — que era importante mostrar — figurou na exposição fixada com pioneses a uma placa. As outras esperam ainda dentro dum baú onde Mário Dionísio as meteu por se ter desinteressado delas, sem as ter destruído (o que fez a muitas outras). Mas para quem quer conhecer o itinerário do pintor, e o que se pintava em Portugal nos anos 40, essas primeiras obras não podem deixar de ter interesse. Infelizmente, nem Estado, nem Autarquia, nem Fundações estão disponíveis.



VIAJAR, VIAJAR...

Homens, mulheres, crianças, gente de idade, provenientes de várias instituições e escolas, foram acompanhados por escritores (Armando Silva Carvalho, Eduarda Dionísio, Filomena Marona Beja, Jacinto Lucas Pires, José Mário Silva, Margarida Vale de Gato, Miguel Castro Caldas e Nuno Milagre) em visitas que fizeram por vários lugares de Lisboa durante o ano de 2013, isto numa iniciativa que prolongou uma outra que teve lugar 10 anos antes na extinta associação Abril em Maio.

Para além do convívio, o que resultou de tais itinerários e visitas, quer em textos editados pelos escritores, quer em desenhos das crianças, encontra-se publicado neste Novo Guia de Lisboa, uma edição a todos os títulos cativante, pelo formato do livro, pelo esmero do seu grafismo, mas sobretudo pela inclusão dos desenhos infantis e a frescura interventiva dos textos.



**NOVO
GUIA
DE
LISBOA**

palavras que o vento não levará

Apetece folhear — ou, noutros termos, viajar por esta Lisboa reinventada. A publicação, integrada no projecto «Palavras que o vento não levará», coordenado por Pedro Soares, contém fotografias de Yuri Paiva e mapas criados por F. Pedro Oliveira. O volume encontra-se à venda na nossa sede, na FNAC e nalgumas outras livrarias. Parabéns aos compradores.

Mas um milagre aconteceu: um antigo aluno de Mário Dionísio, que fundou, em França, a Fondation luso-française Elise Senyariich — sous l'égide de la Fondation de France, em memória da sua filha pintora, deu um importante donativo à Casa da Achada, o que poderá finalmente permitir realizar este trabalho.

4. EXPOSIÇÃO «MÁRIO DIONÍSIO — 50 ANOS DE PINTURA»

Foi inaugurada no dia 20 de Outubro, com apresentação de Rui-Mário Gonçalves. Manteve-se até 22 de Abril. Dezenas de pinturas (das que sobreviveram à destruição do autor e que estão depositadas na Casa da Achada) feitas por Mário Dionísio ao longo de 51 anos. Dum auto-retrato de 1942 à última pintura inacabada de 1993, passando pela primeira pintura abstracta de 1963 que Rui-Mário Gonçalves emprestou.

Foram pouco pretendidas as visitas acompanhadas aos sábados de manhã, mas foram concorridas as visitas guiadas, umas organizadas pela Casa da Achada (uma com Eduarda Dionísio e outra Silva Chicó) e outras pedidas por grupos: do Centro Nacional de Cultura, de participantes em workshops de diário gráfico na Mouraria orientados pela Artéria, das Escolas de S. José e da Madalena (que pintaram a seguir), de inscitos no curso sobre Mário Dionísio dado por Maria Alzira Seixo no Museu do Neo-realismo de Vila Franca de Xira, do Centro de Convívio Guerra Junqueiro dos Serviços Sociais da Administração Pública, etc.

5. ITINERÂNCIA DA EXPOSIÇÃO «MÁRIO DIONÍSIO — VIDA E OBRA»

Esta exposição de 13 painéis, que aqui esteve entre 25 de Abril e 25 de Setembro de 2011, acompanhados de documentos, livros e quadros do Autor, continuou a andar por outras terras (sem documentos e quadros originais), por várias bibliotecas municipais, pela mão dum dos fundadores da Casa da Achada-Centro Mário Dionísio, António Redol. A última biblioteca em que esteve foi a do Seixal e ainda este ano seguirá para a Moita.

Integrada em comemorações dos 40 anos do 25 de Abril, a exposição encontra-se neste momento em Abrantes, até ao fim de Maio, no Espalhafitas — cineclubes nascido na Palha de Abrantes. No dia da abertura, 15 de Março, foi feita, mais uma vez, por elementos do **Coro da Achada**, a leitura, com projecção de imagens, de uma montagem de textos autobiográficos de Mário Dionísio. E, na praça Raimundo Soares, em frente da recente sede do Espalhafitas, o **Coro da Achada** cantou para quem estava ou passava. Duas das canções tinham versos de José Gomes Ferreira, sobre o qual está montada no mesmo local uma pequena mas muito interessante exposição.

Os painéis «Mário Dionísio — vida e obra» podem ser requisitados por associações, escolas, bibliotecas.

Ver as condições em http://www.centromariodionisio.org/exp_vida_e_obra.php.

6. MÁRIO DIONÍSIO, ESCRITOR E OUTRAS COISAS MAIS

Tem continuado esta série. As sessões têm tido lugar no interior da exposição **Mário Dionísio — 50 anos de pintura**. Em No-



Um disco fora do mercado

Produzido pelo Coro da Achada, este disco foi gravado ao vivo por Olivier Blanc e Júlio Pereira a 15 de Dezembro de 2013 na Casa da Achada durante o Fim de Semana Diferente. O Ângelo desenhou a «bolacha», a Carla Mota fez a gravura da capa. E as ilustrações e fotografias foram feitas pela Marta, o Pedro, o Miguel, a Finja, o Maio, o Mário, a Rita, a Susana, a Diana, o Daniel, a Francisca e a outra Marta.

Da pequena brochura artesanal que acompanha o disco, reproduzimos a explicação do propósito:

Queríamos gravar as nossas canções. Aquelas que inventámos ou que amigos fizeram para nós. As canções que têm o nosso dedinho: uma música original, um arranjo, uma letra feita de propósito. Algumas delas só o coro da Achada as canta *assim*. Queríamos gravá-las para ficarem mais à mão, para quem quiser as poder ouvir e as poder usar. E juntámos a essas canções outros «achados»: quatro criações do João Caldas, a partir de poemas de Mário Dionísio feitas para a sessão «Mário Dionísio Escritor»; uma canção saída de uma oficina de canções na Casa da Achada; e uma canção do Pedro e da Diana.

Tivemos a ideia de fazer as gravações num espectáculo ao vivo, que fosse também um

cantar para e com outros. O coro da Achada não é um coro de estúdio, não é um coro de partituras nem de notas no sítio, não é um coro para ouvir no silêncio. Preferimos cantar por cima da vida ruidosa, ouvir o desafino do timbre de cada um, soletrar alto e bom som palavras de apelo à insurreição, cantar para e com os outros (e não para um microfone).

Como não temos dinheiro – porque ninguém paga para cantar neste coro, nem nenhum maestro recebe dinheiro por nos ajudar a entrar ao mesmo tempo numa canção – resolvemos, à imagem de outras experiências já feitas por outros, fazer uma pré-venda do disco, a iniciar no dia do espectáculo-gravação, para depois o poderemos pôr cá fora.



o espectáculo no São Luiz



o espectáculo no Largo da Achada

Kantata de algibeira: um coro de vozes

Excerto do texto escrito pela Margarida Guia para a folha de sala:

Aqui estamos! 47 vozes para dizer cantar sussurrar o texto de Regina Guimarães. Palavras envolvidas na música de João Paulo Esteves da Silva e também envolvidas nas vozes gravadas nas oficinas de voz. Sonoplastia onde soam os ruídos da cidade, e onde rangem os dentes ao falar desse «vil metal» que não pesa no bolso de muitos, nem na conta do banco de outros. Ondas de «é crise», de sopros, de risos, de pregões... Em off, fala-se também de saúde, reformas, salários, escudos e euros. No palco, fala-se do cavalinho cansado e da troika, de hérois e do mar. Portugal!

«Onde estais vós?», diz um poema de Mário Dionísio. Nós. Estamos aqui no palco como o eco dos do grude e do graveto! E no público, elementos do Coro da Achada para nos envolverem na entrada e saída desta «Kantata de Algibeira».

Não é uma peça de teatro, não é ficção, é uma peça sonora e vocal que estreamos hoje, dia da música. Obra colectiva que fomos construindo ao longo de três meses com as presenças e as ausências de uns e outros, respeitando as disponibilidades de cada um. É hoje que se juntam todas as vozes com um guião nas mãos, acompanhadas pelos sinais e o teclado do João Paulo, a sonoplastia difundida a partir do palco pelo Pedro e os meus gestos para encaminhar esta partitura vocal.

vembro do ano passado, Lia Gama veio ler poemas de Mário Dionísio, vários deles publicados em MEMÓRIA DUM PINTOR DESCONHECIDO, livros que o Autor, em 1989, pôs ao centro do seu «trabalho plástico»: **tudo no meu trabalho plástico foi (e é) antecipação e sequência da poesia de MEMÓRIA DUM PINTOR DESCONHECIDO publicado em 65.** Em Janeiro deste ano, Paula Oleiro falou da relação entre literatura e pintura na obra de Mário Dionísio; em Março, Manuel Cintra leu poemas do seu ex-professor, em português e francês, acompanhado à guitarra por Rui Santos, numa sessão a que deu o nome de **Troisième Âge (Terceira Idade)**; também em Março, Rui-Mário Gonçalves falou da Pintura de Mário Dionísio que tínhamos à volta; em Abril, em **O sonho e as mãos**, Manuel Deniz Silva retomou os debates e as polémicas sobre arte e política em que Mário Dionísio participou.

Em Maio, Rui-Mário Gonçalves falar-nos-á da pintura abstracta de Mário Dionísio que teremos à volta.

Pena foi não se ter realizado a sessão **Mário Dionísio e o Brasil**, que João Marques Lopes preparou. Em próxima ocasião será.

7. QUARTO ANIVERSÁRIO

O quarto aniversário de abertura ao público da Casa da Achada (quem julgaria há quatro anos que, contra ventos e marés, resistiríamos tanto... e quanto mais mais duraremos?) durou mais do que um dia, como já outras vezes tem acontecido. Começou em 29 de Setembro e foi até dia 5 de Outubro, dia da implantação da República que, em 2013, fez 103 anos.



Passou gente muito diferente, que o programa se virou para vários lados:

Inaugurada em 29 de Setembro, a exposição **OBRAS DE ARTE EM LEILÃO** (pinturas, desenhos, gravuras, cerâmicas, fotografia, do século XX e também XXI, oferecidas pelos Autores e outros para angariação de fundos para a Casa da Achada), e feito o leilão em 5 de Outubro, as obras não vendidas ficaram mais uns dias e algumas foram compradas.

No 1.º dia do aniversário, o Coro realizou um espectáculo novo que intitulou **COMO UMA SETA DE FOGO DISPARADA NA NOITE** que também incluiu leituras.

Foi no Jardim de Inverno do Teatro São Luiz que, coincidindo com o Dia Mundial da Música que se comemora em 1 de Outubro, estreou o coro falado **KANTATA DE ALGIBEIRA**, que repetiu ao ar livre, aqui no Largo da Achada, no dia 4 de Outubro, numa versão diferente. (Ver ao lado)

A conversa sobre o **Arquivo Mário Dionísio** (ver pontos 1 e 2 destas colunas) e a inauguração da **Mediateca** interessou menos gente. Algumas ideias apareceram durante uma outra conversa, a que chamámos **perguntas e respostas sobre o público e o privado** – o que é, para que serve (assunto desta como doutras Casas), em que participaram alguns fundadores e convidados

mais jovens, todos preocupados. Saiu a Ficha 7, mas não o 7.º volume da Collecção Mário Dionísio, intitulado **MÁRIO DIONÍSIO POR MÁRIO DIONÍSIO**, o que foi pena.

8. QUINTO FIM-DE-SEMANA DIFERENTE

Como todos os anos, houve um fim-de-semana com vendas para angariação de fundos pelo meio de conversas e canções durante 3 dias do meio de Dezembro: 13, 14, 15.

Estreou, com a presença da autora e dos participantes, o bellissimo filme de **Regina Guimarães** intitulado **IDADE TERCEIRA**, feito a partir de conversas com idosos do bairro, confrontados com poemas de Mário Dionísio publicados no livro **TERCEIRA IDADE**, lidos na rua por gente mais nova. E imagens de quadros abstractos de Mário Dionísio. A editar e a fazer circular, evidentemente.

Também se pôde ver o registo em vídeo da **KANTATA DE ALGIBEIRA**, feito por Paulo Menezes a partir do espectáculo com o mesmo nome (ver página anterior), antes de uma montagem que virá a existir.

Foi feito o lançamento do **NOVO GUIA DE LISBOA**, editado pela Casa da Achada, escrito por utentes de centros sociais e de dia e de escolas em resultado de visitas a locais culturais de Lisboa, com orientação de escritores. (ver pág. 2)

Três objectos novos que nasceram do projecto **Palavras que o vento não levará** que durante um ano foi apoiado pela CML no âmbito do PDCM.

Silvia Chicó guiou uma visita à exposição **MÁRIO DIONÍSIO – 50 ANOS DE PINTURA**. E aprendeu-se.

Nuno Moura leu poemas dos seus livros **NOVA ASMÁTICA PORTUGUESA** e **CANTO NONO**.

O **Coro da Achada** cantou e foram retomadas composições que João Caldas fez a partir de poemas de Mário Dionísio, com o autor da música ao piano e cantoras a solo (Ver pág. 3). Espectáculo gravado ao vivo para ser editado, o que entretanto aconteceu.

Várias «edições domésticas» foram distribuídas ou vendidas a quem esteve: **Calendários de 2014** com reproduções de obras de Mário Dionísio; o CD **NEGRO EM CHÃO DE SANGUE VERDE** (a partir de poemas de MD – com voz de Inês Nogueira e música de Carlos Zíngaro), registo dum espectáculo com o mesmo nome apresentado na Casa da Achada e noutros lugares; o CD **KANTATA DE ALGIBEIRA**, registo do som do espectáculo com o mesmo nome, oferecido aos participantes. Foi feita a pré-compra do CD **CORO E ACHADOS**, com a oferta de um pin a cada comprador: Pins todos diferentes que cada um escolheu.



9. CORO DA ACHADA

Os ensaios continuam todas as quartas-feiras à noite. Gente cantante que chega, que parte, que tem ficado. Um núcleo duro, incluindo o maestro, sempre presente. Repor-



O antes e o depois (do 25 de Abril) com uma homenagem escondida

De 7 de Abril a 30 de Junho dedicamos 13 sessões ao ciclo denominado «Cruzamentos». Dos vários realizadores do ciclo destacamos, para além do Seixas Santos (em homenagem escondida), os seguintes nomes: Jorge Silva Melo, Ana Hatherly, João Botelho, Edgar Pêra, Rui Simões, José Álvaro Morais, António Campos, Manuel Mozos, Luis Galvão Teles, Fernando Lopes, Solveig Nordlund e João César Monteiro, além dos trabalhos colectivos.

Como se está a falar mais do 25 de Abril do que é costume, pelos 40 anos que ele faz, e porque ele nos parece cada vez mais um «mistério», provavelmente maior ainda do que o 25 de Novembro, que terá posto nele um ponto quase final, achámos que, para ajudar a desfazer ou diminuir esse «mistério», que muitas pessoas, algumas já mortas, viveram e registaram, poderíamos fazer este ciclo.

Para fazer pensar nessa data, que não é só uma data, nem uma data qualquer, há neste ciclo ficções, documentários e animações, com linguagens bem diferentes, que se cruzam nesta sala uma vez por semana durante três meses. Cruzam-se ao longo do ciclo, e também na mesma sessão, o antes (que talvez explique coisas) e o depois (que mostra coisas que se passaram, umas vezes interrogando e outras vezes levando a interrogações).

Todos os filmes deste ciclo (menos um) foram integralmente realizados depois do 25 de Abril e todos saíram depois, mesmo os que falam (directa ou indirectamente) do antes. Como poderia ser de outra maneira?

Quase todos são portugueses, o que nunca aconteceu nos ciclos da Casa da Achada, apesar de muita gente que veio de fora ter filmado esses dois anos de 25 de Abril (alguns desses filmes já projectámos noutros ciclos), um 25 de Abril que vale a pena conhecer o melhor possível e sobre o qual vale a pena pensar cada vez mais.

tório a aumentar, sem perder o fio à meada. E, entretanto, desde a última ficha, dois espectáculos com guião e textos, além das canções.

Depois da Ficha 7, as actuações públicas foram: Na casa da Achada, em 29 de Setembro, o espectáculo **COMO UMA SETA DE FOGO DISPARADA NA NOITE**, verso de Mário Dionísio – com canções e textos; com o Coro da Associação de Residentes de Teileiras, em **AS HERÓICAS** de Fernando Lopes-Graça; no V Fim-de-semana Diferente, novo espectáculo gravado para novo CD, chamado **CORO & ACHADOS**. Fora da Casa da Achada: participação na Gala pelo Liceu Camões no Coliseu dos Recreios de angariação de fundos para as obras necessárias no edifício (que o Estado não faz); no Coreto do Jardim da Parada (Campo de Ourique); na praça para onde dá o **Espalhafitas** de Abrantes na abertura da exposição **Mário Dionísio – Vida e obra**.

O novo CD do Coro da Achada, de fabrico caseiro, está pronto, com o trabalho de muita gente. Muita gente o pré-comprou em Dezembro. Agora muitos outros o estão a comprar – para ouvir, oferecer e ter ideias. Chama-se **CORO E ACHADOS** (ver pag. 3)

No dia 25 de Abril, novo espectáculo na Casa Achada, que poderá circular. Chama-se **SE AQUELA FAÇA CORTASSE**.

No dia 16 de Maio, o Coro estará no Barreiro, numa homenagem a Mário Dionísio, prestada pela Escola Secundária Alfredo da Silva, no auditório da Quimigal. E o que mais for será.

10. UM BELO FILME, UM FILME BELO: «IDADE TERCEIRA»



Um filme sobre a «velhice» foi realizado por **Regina Guimarães** no bairro onde se situa a CA-CMD, com depoimentos de 11 idosos residentes ou (ainda) trabalhadores da zona, 10 poemas do livro «Terceira Idade» de Mário Dionísio, lidos por Diana Dionísio, Inês Nogueira, Marta Caldas e Pedro Soares aos autores dos depoimentos e quadros de Mário Dionísio. O que é bom, além do filme, é que ninguém se considera inútil e velho. Foi apresentado durante o **V Fim-de-semana Diferente**. A mostrar noutras ocasiões e lugares e a editar.

11. GRUPO DE TEATRO COMUNITÁRIO

Nasceu. Em Novembro. Na sequência do trabalho e do espectáculo **KANTATA DE ALGIBEIRA**, dirigido por Margarida Guia, com texto de Regina Guimarães e música de João Paulo Esteves da Silva, estreado no Jardim de Inverno do Teatro São Luiz no dia 1 de Outubro de 2013, Dia Mundial da Música. Nele participaram mais de 50 pessoas sem experiência de palco. (ver pag. 3)

A estas gentes outras se juntaram. Com maior ou menor assiduidade, desde Novembro de 2013, uma vez por semana (às vezes

Vamos queimar o bicho
Com versos de pé quebrado
Pois se o mundo ficar mau
Não poderá ser mudado



Vitou cáique a Mouraria
Dispara o preço das casas
Santa Cris, quem diria
Que as pedras podem ter asas



o enterro do bacalhau

E foi assim: tudo começou pela realização em Fevereiro de 4 oficinas, em que se executaram máscaras e fatos e se escreveram quadras e se inventaram músicas. A barafunda (já que se tratava de enterrar um bacalhau) foi encenada por F. Pedro Oliveira, isto para que tudo corresse nos conformes aquando do cortejo-espectáculo que partiu da Casa da Achada num fim de tarde da quarta-feira de cinzas, dia 5 de Março, para cirandar pelas ruas do bairro, parando às portas dos vizinhos, falando, cantando, dançando, arejando o bacalhau, enfim, pintando a manta.

Merecem ter aqui os nomes porque se fartaram de trabalhar (e de rir), Carla Mota (pôs as pessoas a fazer as máscaras), Irene van Es (pôs as pessoas a fazer os fatos), Pedro Rodrigues e Diana Dionísio (misturaram músicas com as quadras e puseram as pessoas a cantar) e, para as outras quadras, foi todo o mundo e ninguém, que é como quem diz, foi povo. E foi giro.

DIA MUNDIAL DO TEATRO



ENSAIO ABERTO

GRUPO DE TEATRO COMUNITÁRIO
DA CASA DA ACHADA

Sei o que é um espectáculo aberto, mas o que é de um
colectivo que vive as portas de dentro e o que é muito
diverso, mas vamos fazer um conjunto, partindo as
suas portas para sempre da Casa da Achada.

Se tivéssemos de ter um nome seria
A LIBERDADE

27 de Março as 21h30

LIVROS E ARTES PARA QUE VÓS QUERO

uma data de gente: Alexandra Paz, Antero Almeida, Antonieta Moreira, Conceição Lopes, Cristina Didelet, F. Pedro Oliveira, Francisco d'Oliveira Raposo, Françoise Bourcherin, Hélder Gomes de Pina, Isabel Cardoso, Isabel Pinto, João Neves, José Daniel Caldeira, Leonor Eira, Luís Arez, Luísa Mendonça, Margarida Rodrigues, Maria Clara Carvalho, Rita Pascácio, Rui Carvalho, Teresa Ventura.

Consoante os diversos ensaios, também foram entrando e saindo, e vice-versa Amália Rodrigues, Ana Paula Silva, Ana Paula Sousa, Cátia Teixeira, Ema Palácios, Ermelinda Vermelho, Gracinda Gregório, Irene van Es, Isabel Cortes, João Filipe, José Alberto Silva, José Fava, Leonilde Oliveira, Madalena Cambezas, Maria Alexandra Botelho, Maria Amélia Seixas, Maria Batista dos Santos, Maria Tranchette, Mathilde Louçã, Natalina Silva, Telma Silva, Tiago Almeida.

que tal chamar-lhe liberdade?

Há um grupo de teatro comunitário em formação (ver colunas laterais). Se se tivesse de lhe dar um nome seria A Liberdade, nome desejável para o primeiro ensaio aberto realizado, uma liberdade sem constrangimentos programáticos, pois que se propõe reunir disponibilidades, improvisos, invenções.

No dia 27 de Março, escolhido por ser o Dia Mundial do Teatro, juntou-se ao F. Pedro Oliveira, assim uma espécie de orientador,

No ensaio do dia 27, usaram-se frases e textos de vários elementos do grupo e ainda de António Lobo Antunes, Luísa Costa Gomes, Regina Guimarães e Mário Dionísio, além de músicas dos Ó Tambor e dos Pé na Terra.



duas), têm-se encontrado, com vontade de experimentar e de fazer. Desta vez, orientadas por F. Pedro Oliveira. Primeiro com o apoio do PDCM, dado ao nosso projecto **Palavras que o vento não levará**, e agora do BIP-ZIP, dado ao nosso projecto **Livros e Artes para que vos quero**, ambos da CML.

12. BIBLIOTECA PÚBLICA COM MEDIATECA

A nossa Biblioteca Pública ampliou-se e melhorou, com o apoio que teve do BIP-ZIP da CML. A catalogação foi revista e aumentada, os livros foram rearrumados, a secção de «reservados» construída num armazém do jardim. Foi inaugurado em Novembro o primeiro pólo exterior desta biblioteca, no restaurante Alcaide, a uns passos da CA-CMD, onde se realizaram, durante a hora do jantar, três sessões de leitura, duas delas incluídas na rubrica «Direis que não é poesia».

Os pólos exteriores seguintes foram instalados no espaço Ambijovem de São Cristóvão (pequena biblioteca infantil) e no posto da JF da Rua da Prata.

Pena que a Biblioteca da Achada seja pouco utilizada, mesmo pelos que frequentam regularmente a Casa, quer no local, quer levando livros para casa. De facto, os livros dificilmente entram no quotidiano de cada um e... não estão na moda...

A mediateca, inaugurada no 4.º aniversário, tem crescido. Estão catalogados e disponíveis para empréstimo mais de 300 filmes. Todos os que têm sido projectados nos ciclos de cinema de segunda-feira e mais alguns. Em breve, passaremos à catalogação dos CDs.

O catálogo dos filmes está acessível na Casa da Achada e via Internet, no site da Casa da Achada (Biblioteca Pública e Mediateca).



13. LIVROS LIVRES

Foi inaugurada no 4.º Aniversário da CA-CMD uma pequena biblioteca de livros a dar e a trocar, ao ar livre, em frente da Casa. O móvel foi desenhado por Luísa Alpalhão, arquiteta. Tem havido problemas de abertura (a chuveira permanente não tem ajudado) e também pouco interesse por parte de quem vem e de quem passa. Mas insistimos.

14. CICLO A PALETA E O MUNDO III

Têm continuado as sessões semanais de leitura de textos sobre arte às segundas ao fim da tarde, com projecção de imagens. Frequência variável: Um pequeno grupo permanente e vários ouvintes que vão aparecendo e desaparecendo e reaparecendo.

Continuaram as leituras de alguns capítulos do livro de Claude Roy, **O AMOR DA PINTURA**, uma proposta de Manuela Torres. As leituras foram feitas pela própria Manuela Torres →

HOJE SEM 25 DE ABRIL

UM RIGOROSO INQUÉRITO DE PERNAS PARA O AR

AMARANTE ABRAMOVICI

Começando pelo princípio, se não tivesse havido 25 de Abril, eu não seria eu. Não seria parecida com o meu pai, pelo menos nas fotografias, e porventura no feito. Isto porque o meu pai só veio a Portugal, como muitos outros estrangeiros, ou emigrantes, quando ouviu falar no 25 de Abril, primeiro o golpe militar, mas sobretudo depois, a revolução. Mas ele conta isso melhor que eu. A primeira razão eu ser foi um francês vir a Portugal ver a revolução e conhecer uma portuguesa com quem ficou. Houve outras, mas essa foi a primeira. Ou pelo menos eu gosto dessa ideia. Quanto ao que sou hoje, a começar pelo facto que vivo em Portugal. Isso aconteceu trinta anos mais tarde, quando, já eu vivia em França há uma data de anos, vim a Portugal e conheci um português com quem fiquei. No ano em que me mudei para Portugal tive um filho e o 25 de Abril fez 30 anos. Eu fazia filmes e nesse ano ressurgiram uma série de filmes de há muito ignorados ou esquecidos feitos na altura da revolução. Foram os filmes que me fizeram descobrir Abril. E Maio. E Novembro. Depois dos filmes, as conversas. Um mundo de pessoas que tinham vivido esse tempo, aliás um país inteiro, e uma constelação de pessoas e mundos por esse mundo fora que se lembravam, que se lembram. E algumas que fazem por não ser só uma recordação. Eu sei que há a liberdade de expressão e o direito à greve, e o serviço nacional de saúde e os direitos civísicos das mulheres, e o voto e o salário mínimo, e a escola pública e o direito de associação. Não consigo, por muito que os governantes se esforcem por nos fazer aceitar o contrário, viver num país sem isso. Só consigo imaginar-me a fugir dele. Mas quando imagino Portugal sem o 25 de Abril, ocorre-me que (além de não ter nascido) não tinha vindo viver para cá. O que me prende aqui, ainda, são essas pessoas, as das recordações e as do «vamos lá fazer com que isto seja semente» e não folhas mortas. Pessoas nascente e pessoas rio.

ANA CRESPO

Sou professora de liceu, profissão ideal para uma mulher. Cabe à mulher casada

Imagine-se a viver hoje em Portugal, onde não tivesse havido o 25 de Abril. Como seria a sua vida?

ser, acima de tudo, esposa submissa, mãe e dona de casa; à mulher solteira, viver em casa dos pais e servi-los até ao final das suas vidas. E uma professora de liceu deve ser apumada, o que não é o meu forte; a esse respeito, já ouvi umas reprimendas da Reitora – perdão, da Senhora Reitora – mas, como sou efectiva e não me meto em política, lá continuo o meu dia-a-dia, vestindo a habitual máscara da neutralidade. Máscara difícil de sustentar, tão sufocante quando, ao mesmo tempo, o meu coração se rasga e dilacera pelos meus dois filhos que estão na Guiné. Enquanto ensino o corpo dos répteis, o meu pensamento continua em África, onde já não posso proteger os meus rapazes. Voltarão vivos? Voltarão inteiros? Porquê? E o meu «porquê» é imediatamente guardado a sete chaves; é pior para eles que a mãe seja presa... Voltaram vivos, fisicamente inteiros; voltaram calados, homens à força...



CARMEN GELPI

Tento rebobinar o meu filme até ao momento em que aquele amigo do Porto bate à porta do nosso quarto, daquela casa grande em Paris, na Cidade Universitária, onde vivíamos alguns portugueses e muitos outros jovens de muitas nacionalidades. Tínhamos chegado dois anos antes, depois de muitas peripécias, tentativas de fuga à guerra que não queríamos fazer, súplicas várias para conseguir passaporte, e enfim pudemos distanciar-nos e conhecer o outro lado da realidade que vivíamos em Portugal e que queríamos mudar. E conhecemos

gente que como nós saíra do nosso país e como nós sonhava mudá-lo e como nós tentava fazê-lo, cantando, tocando, escrevendo, trabalhando, sonhando.

O amigo do Porto bateu à nossa porta, era madrugada e disse que acontecera alguma coisa em Portugal, como de costume não conseguia dormir, foi para o telhado da casa, onde apanhava a rádio portuguesa e ouviu...

Saí para a rua a correr e a saltar, a revolução no meu país era a abertura de todos os noticiários, eu parava as pessoas e dizia que era portuguesa e houve até um senhor que me pegou ao colo e outros abraçaram-me e continuei a correr para ir ter com os amigos que como eu esperavam há tanto tempo... Nesse dia achámos que poderíamos finalmente ter um filho, que adiantou o seu nascimento para chegar no último dia desse 1974.

Se não tivesse havido o 25 de Abril, talvez não tivesse voltado, mas principalmente nunca teria lido nos olhos lindos daquele menino, que a vida ia mudar...

CLÁUDIA SALES OLIVEIRA

É difícil imaginar a minha vida, Portugal e o mundo sem o 25 de Abril. Mas hoje, sem o 25 de Abril, não estaria a aprender que (corroborando uma frase de Mário Dionísio), «ou se muda o Homem, ou não se muda nada».

DIOGO DÓRIA

Vivia pior. «Caminhos de mim sem nada de meu». Não teria conhecido/contribuído? para a grande decepção democrático-colectiva mas também não teria vivido a Festa, conhecido o meu país sem Estado, o possível sem limites e um povo amigo e abraçado. 25 de Abril sempre!

ELSA BASTOS

Eu tinha 19 anos no 25 de Abril e vivi esses tempos com espanto, euforia, desassossego e festa. As pessoas estavam felizes, riam, choravam, abraçavam-se, saíam à rua, deixaram de ter medo e viviam intensamente a liberdade.

Se não tivesse havido o 25 de Abril, possivelmente, nem todos os amigos teriam regressado da guerra e os que deram o salto teriam ficado pelo mundo. Portugal estaria mais isolado e ainda fechado



e parado no tempo. Como seria a minha vida? Não sei.

Mas agora, parece que estamos a rever a atmosfera de desalento de antes do 25 de Abril. O fosso entre ricos e pobres que existia antes da revolução, voltou a acentuar-se e as famílias ricas são as mesmas. Os jovens dão o salto, por outras razões, e não voltam. Instalou-se um clima de ceticismo e questionamos-nos como foi possível estarmos outra vez nesta situação de desigualdade e de injustiça social.

Agora, eu ainda mantenho um espírito inquieto, tenho sonhos, ideais, vontade de viver e de mudar. Talvez a solução passe por cada um fazer a sua parte no círculo que o rodeia, agir com honestidade, não pactuar com as injustiças e sobretudo não ficar indiferente e insensível.

Antes as pessoas tinham esperança e acreditavam na mudança, e agora, 40 anos depois, temos de continuar a acreditar ou envelhecemos irremediavelmente.

FILOMENA MARONA BEJA

Viver o presente, não tendo acontecido o 25 de Abril?

Talvez a pergunta resvale para a dúvida: será que, há quarenta anos, se deu um 25 de Abril?

Sim, deu-se!

E foi uma alegria que ninguém me poderá tirar.

FRANCISCO LOUÇÃ

Imaginar nem se imagina. Uma guerra colonial aqui ou acolá prolongar-se em guerra infinita por mais de meio século? Luanda ou Damasco cercadas, os bairros em revolta, os quartéis a mandarem

drones para bombardear a população? A imprensa subjugada, com um jornal da Legião Portuguesa a comandar as notícias, com o telejornal seguido da palestra do senhor presidente do conselho, com o *República* a disfarçar notícias «lá de fora» nos relatos do futebol? E, mais apetitoso, uns jovens turcos a substituir o senhor presidente, retirado por força das coisas quando atingia 110 anos e tantos de serviço à pátria? Ou um país modernizado com um partido único dividido em várias etiquetas, uma TV exuberante de concursos e telenovelas, grandes festivais de música do tempo, mas todos os trabalhadores a contrato individual, todos precários, vidas tristes e país triste... Tudo seria possível numa vida impossível. Mas nada disso acontece, pois não?

FRANCISCO RAPOSO

Aqui estou, entre biscates e esquemas, para ter pão para a boca.

Má sorte não ter desertado quando se me abriu a oportunidade. Era um miúdo, 18 anos mal feitos, quando parti para África. Com os estudos interrompidos pelo acidente de trabalho do meu pai, fui dar com os costados para a Guiné. Guiné, quer dizer... Bissau e mais a porra do aeroporto a uns tantos quilómetros, que o resto é já independente desde 73. Só ainda não fomos corridos porque os yankees mandaram «conselheiros». Conselheiros uma porra: cães de guerra tão enraivecidos que até os mais brancos de nós se enjoam com a merda que fazem contra os desgraçados dos africanos. Tive sorte de ter levado um tiro e ter ficado inapto.

Sorte? Regressei às obras, as casas que construí davam para um ror de pessoas, mas o Caminho de Mocho continua a

crescer. E como não? Com o salário de merda que recebemos como é que se pode comprar uma casa? Com a ajuda da malta fiz uma barraquita. Como sou solteiro, dá para safar. E agora, as obras estão a parar por todo o lado. Fiquei ao alto. Na vila olham-me como um vadio, os finórios de Paço d'Arcos. Fico cá pelo bairro, assim como assim, estou entre os meus. Ou vou pescar à Praia velha. Sempre dá para comer um peixito de vez em quando. Hoje tenho de limpar a fossa. O Mica falou-me de que temos de «ir pedir» luz à companhia outra vez. Já falou com o Alberto electricista. Lá vamos ter novamente a GNR e a PIDE a chatear durante algum tempo. Mas como é que se pode viver sem luz? É como a água... O poço anda sequinho de todo. Tirando isso, no sábado há baile em Porto Salvo. Vou ver se vou lá...

GABRIELA DIAS

Mesmo sem revolução seria melhor que era então. Quarenta anos marcam a diferença.

O Tempo teria mudado as nossas vidas mas não teríamos a recordação e a saudade da imensa alegria que nos deu o 25 de Abril. Não teríamos vivido a liberdade plena e a intervenção efectiva, não seríamos efectivamente o que somos hoje. Não teríamos vivido os momentos que jamais se repetirão.



INÊS NOGUEIRA

Dou por mim muitas vezes a pensar naqueles momentos das grandes decisões da vida...

Naqueles momentos «ou isto ou aquilo». E penso no que terá acontecido no outro caminho, naquele que eu escolhi não percorrer.

Que eu escolhi.

Se não tivesse havido o 25 de Abril eu, provavelmente, não teria ido estudar para a universidade.

Provavelmente doméstica, provavelmente sem estudos superiores.

Ou tinha acabado o curso de antropologia, que frequentei.

Casada. Ou então sem casamento, seria «a que ficou para tia».

E acho que nesse caminho outro, o tal que eu não percorri, também ia ter ganas de fazer coisas nas artes e não as poderia concretizar. ➔

COMO SERIA A SUA VIDA SE NÃO TIVESSE HAVIDO O 25 DE ABRIL

→ Se não tivesse havido o 25 de Abril, provavelmente não teria conseguido convencer o meu pai que, por causa da liberdade que ele conquistou, eu era livre para escolher tirar uma licenciatura em Teatro, ser atriz e seguir o meu desejo. Em liberdade. E mudei de curso!

JOSÉ MÁRIO BRANCO

Eu seria evidentemente outra pessoa, que não sei quem é nem onde está. Tentem perguntar-lhe a ela.

LUIS MIGUEL CINTRA

Tenho uma enorme dificuldade em me arrepender. Tenho tendência a acreditar que tudo se passou bem. E esqueço-me sistematicamente daquilo de que não gostei. É bom. Não tenho ressentimentos. Tenho mais vezes saudades. É-me difícil imaginar o que não existiu quando me lembro de ter passado momentos difíceis mas tenho é saudades daquele tempo. Imaginar que não existiu é-me difícil também. Não podiam ter passado 40 anos em que nada tivesse acontecido e ficasse tudo como estava. E sei lá o que podia ser. Não estava escrito. Só se tivesse acabado o mundo e já não houvesse Tempo. Já sabíamos como tinha corrido o Juízo Final... Mas já não estávamos cá. Agora há o smartphone e a internet. E não foi por causa do 25 de Abril que chegaram. Mas mudaram a vida tanto ou mais que o 25 de Abril e sem 25 de Abril que foi uma coisa que aconteceu mesmo, teriam mudado mais?, menos?, não teria mudado nada?. Se não se importam gostava mais que toda a gente soubesse mesmo o que aconteceu, estudasse História, aproveitando que ainda estão vivas algumas testemunhas e alguns autores do crime e pensasse o que quer da vida para que ela não seja cada vez pior. Não sei se se lucra muito em preocuparmo-nos com o que seria se o branco não fosse branco. E se o preto fosse vermelho. Bem, vermelho não era bom, pois não? Destinge tudo, estraga a roupa. Eu é por isso que não sou do Benfica. Mas também podia responder, sobretudo sabendo que foi feita pela Eduarda: a pergunta é um contra-senso: Se não tivesse havido o 25 de Abril a Eduarda seria a Eduarda? Não teria existido, e não faria a pergunta. E eu não lhe estaria a responder. Não seria o que sou, e sendo assim a pergunta é um disparate. Pergunte-se à França que seria se não tivesse existido Joana D'Arc.

Não é possível porque a França não existia. É só a direita que faz países? E não podemos ter também as nossas santas? Só a das rosas?

Não ia aproveitar a décima linha. Mas tive medo de ser penalizado e resolvi explicar porque o não fazia. Como quando a gente telefona para contar à pessoa que resolveu ligar. É de graça por ser a festa do 25 de Abril.

MARIA SOUSA

Mudamo-nos do Porto para uma pequena cidade de província. Nessa altura os quintais, com árvores de fruta, e as bicicletas chegavam para explorarmos as nossas fantasias. Mas não por muito tempo. Certo dia, pelos meus doze anos, a minha mãe ralhou comigo: o que se falava em casa não se podia falar fora de casa. A razão era um telefonema recebido da professora de francês a dizer que eu tinha respondido na aula que sabia quem era Marx, Lenine, Che Guevara e outros. Ela perguntara, eu respondera. Parecia simples, mas não; ela podia perguntar e nós não podíamos responder. Percebi que para sobreviver tinha que crescer com a mentira. Mas mentir seria aceitar a imposição de quem tinha o poder, e não os princípios éticos que queria para mim. Talvez por ser ingénuua, ou talvez não, tinha urgência de verdade. Por isso, com dezassete anos fui viver com o meu tio que tinha desertado da tropa e não podia regressar a Portugal. Agora sou ajudante de uma vendedora de flores no mercado dos Halles. Começo às cinco da manhã e o trabalho é muito duro, mas deixei de sentir aquela opressão no peito por não poder falar, por não poder escolher quem sou e como sou. Se pago caro a minha liberdade? Não, a liberdade não tem preço. E acredito que um dia poderei regressar ao meu país em liberdade.



MÁRIO DE CARVALHO

No meu caso estaria a viver na Suécia, sei lá a fazer o quê... Falaria sueco correntemente. Teria netos suecos. Se calhar escreveria em sueco. Portugal



ir-se-ia tornando cada vez mais desvanecido. Apenas as recordações de juventude, solares e movimentadas. Se não tivessem ocorrido aquelas circunstâncias que me puseram lá fora, acho que volta e meia estaria preso. Andaríamos a tentar constituir uma associação portuguesa de escritores. Nesta altura já estaria cansado.

MARTA RAPOSO

Quase inimaginável. Mais ou menos um lugar entre um tempo não vivido, porque não se esteve, e outro, quase inconcebível, porque há quem cuide de nos fazer acreditar que simplesmente se esmaeceu, apesar das certezas e da solidez.

Às gentes da minha idade ensinou-se sobretudo a gravidade das palavras: DITADURA, 25 de ABRIL, DEMOCRACIA. Como se de separadores de arquivo ou de compêndios de História se tratasse. O certo e o errado. O bem e o mal. Uma troca de flancos, sem miolo. Sem o miolo que preciso de esboar nas mãos para tac-tear o amanhã (que amanhã?).

Quase inimaginável estar aí, nesse lugar, sem augúrio de cravos; despojada, talvez, do eu-político, do eu-trabalhadora, do eu-mulher, do eu-sonho, entre esses outros, que mesmo hoje – meios histéricos na liberdade apregoada – vagueiam ainda ligeiros e voláteis.

NATÉRCIA COIMBRA

Se não tivesse havido o 25 de abril na minha vida eu teria sido muito menos feliz.

Provavelmente teria asfixiado neste país, se por qualquer motivo alheio à minha vontade não tivesse conseguido partir como partiam, em busca de liberdade de pensamento, de expressão e de modo de vida, grande parte dos jovens portugueses mais escolarizados e politizados. O mais certo, contudo, era ter partido a salto para a Europa acompanhando o

RESPOSTAS AO RIGOROSO INQUÉRITO DE PERNAS PARA O AR



meu namorado da altura com quem partilhava a consciência política de esquerda silenciada pela ditadura, mas também a liberdade interior que nos fazia viver dentro de nós, intensamente, a recusa da guerra e o empenhamento na luta anticolonial.

Teria por isso sofrido o desgosto do exílio e a saudade de uma terra de que me sinto pertença. Mas teria trabalhado para estudar, teria reconhecido o valor da liberdade, teria lutado pela revolução socialista em Portugal e provavelmente ter-me-ia integrado na sociedade que me acolhera sabendo sempre de que lado da vida estava e mantendo até hoje a esperança de ver o meu país livre.

REGINA GUIMARÃES

Não sentiria um aperto na garganta à vista de um cravo vermelho, embora goste de todas as flores e cores. Não conheceria os mesmos possíveis e impossíveis a distribuir pelos pratos das balanças – com ou sem tara. Não teria atirado às urtigas as obrigações de menina burguesa, boa aluna, apenas um tanto mal comportada. Não teria encontrado o amor da minha vida quase à porta de casa. Não interrogaria a memória com a mesma ansiedade de me perder nas respostas. Não pensaria no meu pai a tremer de felicidade quando acho o ar demasiado irrespirável.

RUBINA OLIVEIRA

Quarta-feira não vou ao coro. Tenho mesmo que repensar se vou continuar. A minha chefe já me veio falar de uns zunzuns que correm na empresa, embora diga que até simpatiza com as ideias, mas não quer problemas! Não devia falar tanto no café, mas, às vezes, não resisto! Depois, há o facebook, as amizades e os emails passados a pente fino.

Tenho que pensar nos miúdos. Seria muito mau se me acontecesse alguma

coisa. A Diana esteve detida a semana passada, para interrogatório; a Carla está com um processo disciplinar na escola (malhas que o Império tece!) e há um mês que não sabemos do Francisco; anda fugido depois de uma manif que acabou (mal) às portas da Assembleia Nacional.

O clima é de conspiração e o cerco apertado, mas, quanto mais apertado, mais ferve a gente. Combinámos ir cantar para o Largo do Carmo no próximo dia 25 de Abril. Vai haver uma grande manifestação e diz que há muita gente envolvida que virá de vários pontos da cidade. Vai acabar tudo a fugir à bastonada, como tem acontecido ultimamente...

Merda! Não posso ir, mas não posso deixar de ir!

Tenho que pensar nos miúdos!

SAGUENAIL

Se não tivesse havido 25 de Abril, o Marcelo Caetano teria, aos poucos, sido obri-

de fazer constantemente um enorme esforço de esquecimento para não se confrontarem com a certeza vivida de que há alternativas e revoluções possíveis. (E eu, porventura, nunca teria vindo a Portugal.)

SOLVEIG NORDLUND

Se o 25 de abril não tivesse acontecido outra data teria mudado o regime em Portugal – a guerra colonial não era sustentável – mas talvez sem o entusiasmo e a euforia que nós que vivemos o 25 de abril pudemos testemunhar.

VITOR SILVA TAVARES

Rica prima, perguntas-me como vão as coisas. Pois vão como podes calcular: o país está bem, nós é que não. 40 anos de democracia conduziram-nos a isto. É claro que a transição pacífica negociada pelo Marcelo e o Spínola, à espanhola mas sem rei, permitiu camuflar-se o re-



gado a aproximar as leis portuguesas das vigentes noutros países europeus, à comunidade dos quais teria acabado por candidatar-se. As guerras coloniais teriam sido ingloriamente perdidas e as independências obtidas à custa de mais mortos mas, ainda assim, conquistadas. A emigração teria abrandado durante um tempo, porém continuaria a manter-se no horizonte dos portugueses. A liberalização progressiva teria acabado por levar ao governo o Cavaco Silva e Passos Coelho. Em suma, hoje seria tudo igual. Só que os Portugueses não teriam

gime autocrático em liberdades vigiadas e substituir-se as guerras coloniais pela roubalheira generalizada. A multinacional das negociatas C. E.E., mais as outras, globais, englobaram-nos, de modo que andamos todos no salve-se quem puder. Mas podia ser pior, por exemplo, o Cristiano Ronaldo partir uma perna ou as massas indignadas decidirem-se finalmente à bordoada. Quanto a isto, porém, podes dormir descansada, já que por aqui, embora codilhados, continuamos mansos. Beijocas.

→ (Goya), José Smith Vargas (Daumier e de Carpaccio a Paul Klee), Carla Mota (Lurçat), Eduarda Dionísio (Picasso e Éluard e os pintores), Filomena Marona Beja (El Greco). Carla Mota propôs a leitura, que a própria fez, do 1.º capítulo (**A época moderna da arte**) do livro **A FILOSOFIA DA ARTE MODERNA** de Herbert Read, várias vezes citado por Mário Dionísio em **A PALETA E O MUNDO**, a que por várias vezes Carla Mota regressou.

Seguiu-se e está em curso a projecção de imagens com comentários de Pierre Francastel que fazem parte do livro **PINTURA E SOCIEDADE: «o nascimento dum espaço»**.

É uma forma de ajudar a olhar para a pintura, na sequência da leitura de **A PALETA E O MUNDO**, com diversos guias, e de aprender coisas várias sobre História de Arte. Continuará enquanto houver propostas de quem tem seguido este ciclo.

15. CICLOS DE CINEMA



Depois do habitual ciclo ao ar livre, **FÉRIAS NA ACHADA**, entre Outubro e Dezembro, no início do ano escolar, o ciclo de cinema (sessões semanais à segunda-feira à noite) foi sobre aprendizagens, não só escolares. O título: **VIVENDO E APRENDENDO**.

De Janeiro a Março, vimos 13 histórias da **SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**, indo de filmes mais antigos (1942) até a mais recentes (2007).

Apresentaram os filmes destes dois ciclos: António Rodrigues, Eduarda Dionísio, Filomena Marona Beja, Gabriel Bonito, Inês Sapeta, João Paulo Boléo, João Pedro Bénard, João Rodrigues, Joaquim Beja, Jorge Silva Melo, Manuel Mozos, Manuela Torres, Paulo Guilherme, Pedro Soares, Regina Guimarães, Solveig Nordlund, Vítor Silva Tavares, Youri Paiva.

Está em curso o Ciclo **CRUZAMENTOS – com o 25 de Abril ao centro** (ver p. 4).

16. LIVROS DAS NOSSAS VIDAS

De Novembro do ano passado a Abril deste ano, Paula Morão falou de **O DELFIM** de José Cardoso Pires, Cristina Almeida Ribeiro da poesia de **Paul Eluard**, Catarina Barros de **As Ondas** de Virginia Woolf, Cristina Mora de **ULISSES** de James Joyce, Eugénia Leal de **NO CAMINHO DE SWANN** de Marcel Proust, João Rodrigues de **Friedrich Dürrenmatt**. Em Maio, será a vez de **Louis Aragon**, várias vezes referido na Casa da Achada, nomeadamente nas sessões **A Paleta e o Mundo III**, de que Saguenaíl falará, a partir do livro de poemas **CRÈVE-CŒUR**.

17. AMIGOS DE MÁRIO DIONÍSIO

Foram só 3 as sessões realizadas depois da última Ficha sobre Amigos de Mário Dionísio, que valeram por muitas. **António Pedro Pita** falou de **BENTO DE JESUS CARAÇA**, numa sessão em que participou **João Carraça**, seu filho e um dos fundadores da Casa



DIREIS QUE NÃO É POESIA MAS É

Numa primeira parte do retomar desta iniciativa, que teve lugar a 5 de Abril, foram lidos poemas seleccionados das obras de Mário Dionísio «Poemas» (1936-1938), «As Solicitações e Emboscadas» (1945), «O Riso dissonante» (1950) e «O silêncio voluntário» (1949-1962), ao mesmo tempo que se procedeu a uma visita guiada pelos quadros do escritor-poeta.

A iniciativa prosseguiu a 19 de Abril, desta vez com leitura de poemas retirados dos livros «Memória dum pintor desconhecido» (1965), «Le Feu qui dort» (1967) e «Terceira Idade» (1982).

Poesia e pintura voltaram, pois, a interpenetrarem-se, numa aliança a todos os títulos naturais. Os intérpretes desta fusão chamaram-se, chamam-se: **Antonino Solmer, Diana Dionísio, Eduarda Dionísio, Inês Nogueira, José Smith Vargas, Justine Astorg, Marta Raposo, Mathilde Louçã, Morgane Masterman, Pedro Rodrigues, Pilar Grange, Sibylle Marto, Sofia Ortolá, Toni, Youri Paiva.**

Uma vez mais as leituras decorreram num itinerário pelos quadros de Mário Dionísio, itinerário no entanto solto. É que «baça é a vida sem surpresa», escreveu o poeta.



A 11.ª edição em Lisboa decorrerá de 23 a 25 de Maio. A leitura aberta a toda a gente, essa, terá lugar, a 25 de Maio às 15h na Casa da Achada.

da Achada-Centro Mário Dionísio e que falou sobretudo da encruzilhada em que estamos e do futuro. Para recordar **José Huertas Lobo**, arquitecto muito especial e infelizmente muito esquecido, juntaram-se três arquitectos – **Francisco Castro Rodrigues, Francisco Silva Dias, Pitum (Francisco) Keil do Amaral** – e também **Eduarda Dionísio**, além de vários outros que participaram, reunindo memórias e saberes. **Cláudio Torres** e **Paulo Torres Bento** falaram de **FLAUSINO TORRES**, em Abril. Chegarão aqui outros Amigos de Mário Dionísio nos próximos meses – pela mão de quem os conheceu ou sabe deles.

18. OFICINAS

Continuaram as sessões semanais aos domingos à tarde de fabricos vários para todas as idades: **Gravura** com Carla Mota; **Das palavras à música – 2** com Cristina Mora; **Prendas sou eu que as faço** com Eupremio Scarpa; **Trabalho de corpo, voz e alma** com F. Pedro Oliveira; **Enterro do Bacalhau** (fabrico de máscaras, fatos, quadras, músicas, desfile) com Carla Mota, Irene van Es, Pedro Rodrigues, Diana Dionísio, F. Pedro Oliveira, que deu origem a um Enterro do Bacalhau pelas ruas do bairro (ver p. 5); **Cartazes** a pensar no 25 de Abril, com Zé d'Almeida, donde saíram cartazes que no 25 de Abril usemos, como amigos, em cada esquina. Em curso ainda a oficina **O Tempo e a Cor** – ilustração, banda desenhada, animação com pessoas da Associação de Realizadores de Cinema de Animação. Em Maio, novamente **banda desenhada** com José Smith Vargas.

19. HISTÓRIAS DA HISTÓRIA

De dois em dois meses, **histórias da História**: sessões sobre efemérides do mês, que se relacionam com as épocas e as pessoas que por aqui andam, em especial Mário Dionísio (que nasceu durante a 1ª República e passou por duas mudanças de regime: o 28 de Maio e o 25 de Abril).

Falou-se da **CARBONÁRIA PORTUGUESA**, a propósito do 5 de Outubro, com **Firmino Mendes**; do **NASCIMENTO E VIDA DE JESUS CRISTO**, a propósito do Natal, com **Frei Bento Domingues**; do **ASSALTO AO SANTA MARIA** com **Camilo Mortágua**, que nele participou; da **MORTE DE ESTALINE** com **António Louçã**.

Em Maio, falaremos do **28 DE MAIO** com **Maria Helena Carvalho dos Santos**.

20. ITINERÁRIOS

Desde a última Ficha só veio aqui contar a sua história o **Fernando Belo**, que deveria ter sido engenheiro, mas se tornou padre, que deixou de ser, professor de religião e moral, que deixou de ser, que se exilou na Bélgica, depois em França onde estava na altura de Maio de 68, que regressou à sua terra depois do 25 de Abril. Colaborador da **Gazeta da Semana**. Professor de Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa, a partir de 1975 até à reforma. Mas, como se viu, não se «reformou».

21. ARQUIVO DA CASA DA ACHADA

Por voluntários, foi posto em ordem e continua a ser actualizado e organizado o Arquivo da Casa da Achada, que já pode ser

consultado: o arquivo em papel (cartazes, correspondência, projectos, etc.) de que a Clara Boléo continua a tratar; o registo audiovisual das sessões realizadas na Casa da Achada de que sobretudo a Lena Bragança Gil se tem vindo a ocupar.

22. PENSAMENTOS & ACHADOS

Pela segunda vez, aqueles que, em França, quase sem formação escolar e que não têm emprego, pessoas que recebem o RSA (o correspondente ao Rendimento Mínimo de cá) e que foram empregados durante seis meses pela Associação Cardan de Amiens como «pensadores», que investigam e pensam sobre o que lhes diz respeito e a muitos outros, vieram reunir em Lisboa, na Casa da Achada, para trazer as conclusões a que chegaram e trocar ideias com gente de cá – pessoas com problemas idênticos ou semelhantes, técnicos e especialistas das áreas de saber de que se ocupam. A saber: **emprego** (que não têm), **oferta cultural** (que procuram de outra maneira), **mobilidade** (que os imobiliza), **aprendizagens** (que por vezes aumentam).

Um trabalho incluído na «Recherche-Action» (Pesquisa-Ação) que o Cardan, que pensa de maneira menos ortodoxa do que os «profissionais europeus», vai levando a cabo ao longo dos anos, querendo contaminar pessoas como nós.

Será possível trazer esta «Recherche-action» até cá?

Curiosidade: para a ocasião, publicámos uma pequena brochura com os textos dos participantes do ano passado sobre quadros de Mário Dionísio e outros, expostos na sala onde têm acontecido as reuniões. A sobrevivência passa por coisas destas. E a cultura não diz só respeito a alguns. E as artes, se não são de todos, dificilmente serão artes.

23. CEDÊNCIA DO ESPAÇO PARA REALIZAÇÕES DE OUTROS

A Casa da Achada-Centro Mário Dionísio também serve para albergar sessões propostas por outras associações, grupos, pessoas, que às vezes têm tido participação da Casa da Achada e/ou do Coro da Achada. Alargam-se os assuntos, as visões.

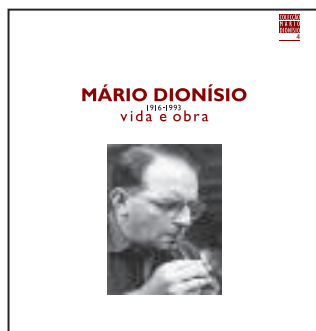
Nos últimos meses, o **Coro da Associação de Residentes de Telheiras** veio trazer as **Heróicas de Fernando Lopes-Graça**; um grupo de trabalho do IHC da FCSH-UNL veio projectar um ciclo de cinema a que chamou **Imagens da Revolução – anos 20 e 30**; F. Pedro Oliveira fez aqui o seu espectáculo **DESPERTAR**, destinado aos que têm entre 1 e 5 anos e aos mais velhos que têm curiosidade; a **Plataforma LX** (associação Vertigo), de que somos parceiros no BIP-ZIP, realizou aqui dois **debates**: «Captação de públicos e gestão cultural» e «Arte e Comunidade». E houve sessões organizadas pela UNIPOP. E lançamentos de livros e de filmes.

24. AGRUPAMENTO GIL VICENTE

Fomos convidados para representar a Comunidade no Conselho Geral no Agrupamento de Escolas Gil Vicente, a que já pertenciam a Voz do Operário e a Liga dos Antigos Alunos. Lá estamos.

A **Escola Secundária Gil Vicente**, assim como a **Escola do Castelo**, pertencente ao referido agrupamento, têm participado

EDITAR, DISTRIBUIR INSISTIR, REEDITAR

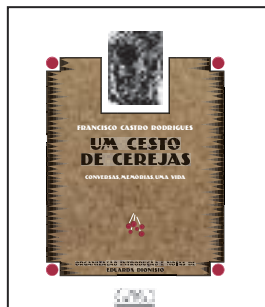


Com os sobressaltos próprios de uma actividade de todo em todo insegura, e não apenas em termos de mercado, sempre conseguimos até agora publicar 6-títulos-6 (integrados na Coleção Mário Dionísio) e um 7.º, **UM CESTO DE CEREJAS**, que funde conversas trocadas entre a Eduarda Dionísio e o arquitecto Castro Rodrigues.

Acidentes com a distribuição foram mais que muitos, com os concomitantes prejuízos. Narrá-los dava um romance de (maus) costumes.

De modo que passámos à distribuição própria. Assim, os nossos livros encontram-se à venda nas seguintes livrarias: Pó dos Livros, Letra Livre, Ler Devagar, Colibri (Lisboa); Utopia e Gato Vadio (Porto); Lápis de Memórias (Coimbra); Centésima Página (Braga); A das Artes (Sines); Senhor Teste (on-line); FNAC (vários locais, mas apenas o 1.º volume da Coleção).

Aguardando embora resultados que não sejam desfavoráveis como no passado, atrevemo-nos a, para já, conceber como possível a reedição de **A PALETA E O MUNDO**, nosso sonho desde a hora primeira. Sonho por sonho, encaramos a possibilidade de vir a reeditar toda a obra escrita de Mário Dionísio.



nas **Leituras Furiosas**, nos **Grupos de Leitores** e nos **Encontros de Leitores** da Casa da Achada e no **Novo Guia de Lisboa** (ver pag.2). A **Escola da Madalena**, mais próxima daqui, e pertencente ao mesmo agrupamento, que já tinha entrado numa edição da **Leitura Furiosa** e onde se tinha realizado um Grupo de Leitores há uns anos, regressou: três visitas à Casa da Achada em Março deste ano, com pinturas a seguir.

A nossa **Exposição 25 de Abril** irá em Maio para a Escola Secundária Gil Vicente onde o **Coro da Achada** cantará. O Plano anual do agrupamento é: **40 anos de Abril – refazer a revolução**.



25. APOIOS

Vamos no fim do 4.º mês do ano e ainda não recebemos 1 cêntimo de apoio para o ano que vamos vivendo como podemos e mais ou menos como queremos.

Com o Governo, não vale a pena contar. Os «concursos» das artes e das culturas não nos dizem respeito.

Boa surpresa: a Cultura da CML telefonou ontem, dia 24 de Abril, em resposta à candidatura que todos os anos apresentamos em 31 de Julho do ano anterior e que só costuma ter resposta quando o ano já vai as mais de meio... Um «protocolo» está pronto a ser assinado. Quantitativo do apoio não sabemos, mas havemos de saber.

Via PDCM (Plano de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria em extinção) só foi possível concorrer para manter o Grupo Comunitário de Teatro... Mas ainda não há resposta. E havemos de concorrer novamente ao BIP-ZIP (Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária). Teremos sorte ou não...

A nova Junta de Freguesia (Santa Maria Maior) a que pertencemos agora (e que reúne 12 antigas Juntas) vai contemplar-nos com 300€ por mês, em troca de termos a porta aberta ao público 5 dias por semana, termos pólos exteriores da biblioteca pública por aí e por cedermos o nosso espaço 1 hora por semana ao Coro dos Idosos de São Cristóvão.

Solicitações a Fundações importantes não têm tido resposta... Mas uma, a quem não solicitámos nada, com sede em França, impulsionada por um ex-aluno de Mário Dionísio, fez-nos um importante donativo. A vida é assim...

Por isso, é fundamental obtermos «receitas próprias», que só podem vir de quem por aqui anda ou que por aqui passa: ser «Amigo da Casa da Achada» e pagar a quota, comprar os livros, as serigrafias, os postais, os CDs que vamos editando e livros usados que vão estando à disposição por aqui, e passar pela Feira da Achada em Julho, e, se possível, adquirir uma obra de arte oferecida à Casa da Achada para angariação de fundos, e meter uma moeda no porquinho de vez em quando...



ABRIL EM 3 EXPOSIÇÕES

Celebremos também com o olhar, esse que dá para ver e para ler e para procurar entender.

A 25 se inaugurarão 3 exposições, distintas mas complementares. Assim, de Mário Dionísio poder-se-ão visionar algumas telas decididamente abstractas. Ainda que o pintor de há muito tivesse enveredado pelo abstracionismo – fruto da sua evolução teórica desde logo processada experimentalmente –, as pinturas que se mostram foram seleccionadas (por Rui-Mário Gonçalves) entre os trabalhos executados a partir de 1974, característica de certo modo inovadora.

No espaço ao ar livre teremos 20 painéis alusivos à data.

Esta exposição, pensada para ser ao ar livre e itinerante, mistura «lugares-comuns» – imagens que «toda a gente» conhece, frases do antes e depois que «toda a gente» já ouviu – com «pormenores» menos conhecidos ou que propositadamente se esquecem. Até inclui alguns documentos que existem no arquivo da Casa da Achada e que continuam a não fazer parte das «histórias da História» que, melhor ou pior, se continuam a fazer. Pareceu-nos que essa «mistura» difícil facilitava os entendimentos possíveis daquilo que durante dois anos aconteceu inesperadamente e do que se foi perdendo depois (e, nalguns casos, ganhando).



Outra coisa difícil: é uma exposição para ser lida. E a leitura demora. E o tempo é sempre pouco. Deveria haver um banquinho em frente de cada painel. Sabemos que uns só lerão os títulos, outros as informações, outros os rodapés, uns as coisas grandes, outros as pequenas. Uns procurarão o que já sabem, outros o que não sabiam. Como uma personagem duma peça didáctica de Brecht dizia, «muitas coisas há numa coisa só».



Para a 3.^a exposição, aberta até 1 de Maio, serão mostrados trabalhos provenientes de muitos artistas, que os ofertaram à Casa da Achada para a sempre necessária recolha de fundos.

O título desta exposição, POR VIR, serviu de arranque inspirador, qual foi o de tratar em termos plásticos o desejo de um 25 de Abril liberto de constrangimentos, praticável e praticado na nossa vida individual e colectiva.

Registemos os nomes dos artistas que se disseram solidários: André Carrilho, André Ruivo, Cristina Sampaio, Filipe Abranches, Jorge Silva, Maria João Worm, Nuno Saraiva, José Pedro Carvalheiro, Henrique Cayatte, José Smith Vargas, Marcos Farrajota, João Alves, PAM, Pierre Pratt, Nadine Rodrigues, Artmini, Bárbara Assis Pacheco, Zé d'Almeida.

Salvé a todos estes – e aos mais que se juntarem!



Rua da Achada 11, 1100-004 Lisboa. Tel. 218877090. casadaachada@centromariodionisio.org
www.centromariodionisio.org

ficha8

Fabrico caseiro. 25 Abril 2014